

Diversidade geracional no CineTrans: um relato da experiência sobre desafios e aprendizados do cineclube do Ncep UFPR¹

Ana Luiza Ramos Moretti Ferreira²

Gustavo Aleixo de Sousa³

Natali dos Santos Slusarz Schovarts⁴

José Carlos Fernandes⁵

Criselli Maria Montipó⁶

Universidade Federal do Paraná - UFPR

RESUMO

Este resumo aborda o trabalho do CineTrans, vinculado ao Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), programa de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O projeto promove exibição de obras audiovisuais sobre a vivência trans, com intuito de proporcionar um espaço seguro de troca entre a comunidade acadêmica e a população trans. O objetivo deste trabalho é compreender as diferentes contribuições da diversidade geracional presente nas discussões do CineTrans. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica, documental e questionário. Os resultados evidenciam os desafios vivenciados pela comunidade trans.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Gênero; Transexualidade; Cineclube; Comunicação.

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), programa de extensão existente desde 2003 no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR), conta com 20 extensionistas dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Moldado nos princípios do pensador Paulo Freire, o programa visa estabelecer uma relação dialógica com a sociedade, e a construção de projetos impulsionados pela educomunicação e horizontalidade (Freire, 2019). Esses princípios baseiam seus dez projetos em execução, dentre os quais está o CineTrans.

¹Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Relações Públicas da UFPR, email, email: analuiza3@ufpr.br.

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: natali.schovarts@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email gustavoaleixo.sousa@gmail.com.

⁵ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de Comunicação (Decom/UFPR). Coordenador do Ncep UFPR. E-mail: zecafernandes1964@gmail.com.

⁶ Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR. Orientadora do trabalho. E-mail: criselli@gmail.com.

O CineTrans busca estimular o consumo de obras audiovisuais produzidas pela comunidade ou sobre temáticas trans. Realizado desde 2022, tornou-se um espaço de intercomunicação entre comunidades. O projeto pretende aproximar a comunidade trans da comunidade acadêmica, “como um espaço democrático, político e de formação cultural” (Freiberger et al, 2023, p. 2), tendo em vista que a população trans representa a minoria no ensino superior, por ter a escolarização como um direito negado. Antecedente à sua concretização, o projeto exigiu uma aproximação delicada e constante com tal comunidade. No ano de 2019, em parceria com o Transgrupo Marcela Prado, o Ncep realizou ações voltadas às necessidades de conciliação com os meios de comunicação. Em decorrência de instabilidades dentro do grupo, o projeto evoluiu para o CineTrans.

Na atualidade, o projeto contém parcerias sólidas. Desde outubro de 2024 o Espaço Excêntrico, sediado por Mauro Zanatta, é o local onde são realizadas as sessões. Outra parceria é com o Grupo Dignidade, com o qual se mantém um alinhamento entre as mídias sociais, a fim de divulgar e alcançar o público. Fruto dessa relação nasceu em janeiro de 2025 – mês da visibilidade trans – a sessão especial Cine Debate mediada pelo DigTrans em parceria com o Ncep. As sessões do cineclube são periódicas e costumam receber cerca de 20 ou 30 pessoas. Mais de 200 pessoas já passaram pelas nove edições realizadas desde 2022, com um alcance indireto de 500 pessoas.

Neste trabalho, partimos da pergunta: Como a diversidade geracional contribui para os debates realizados nas sessões de exibição de filmes do CineTrans? O objetivo é compreender as contribuições da diversidade geracional nas trocas de experiências relatadas durante as sessões do CineTrans. Também buscamos discutir, com base em pesquisas acadêmicas já realizadas, sobre questões interseccionais da comunidade trans, com foco em geração/faixa etária; e analisar as percepções da comunidade trans sobre as questões geracionais, a partir de levantamento de dados. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica e documental, além de questionário para coletar percepções dos participantes do CineClube, apresentados nas seções a seguir.

A COMUNIDADE TRANS NO BRASIL

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Censo Demográfico de 2022, a população brasileira tem cerca de 104,5 milhões de mulheres e 98,5 milhões de homens, respectivamente, 51,5% e 48,5% da população, levando em conta apenas o sexo biológico ao nascer. Ao relacionar com a faixa etárias,

há mais natalidade de homens cisgênero, mas à medida do envelhecimento ocorre um aumento da morte desse grupo, entre 25 a 29 anos, por razões externas. Assim, as mulheres cisgênero se tornam a maioria proporcionalmente. Mesmo o Censo mais recente não contemplou a comunidade LGBTQIAPN+. Essa lacuna deve ser superada com a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) de 2023, que incluiu identidade de gênero e orientação sexual. Tais dados são importantes para criação de políticas públicas adequadas e assertivas para a comunidade, mas ainda não foram divulgados.

Diante desta ausência, estudos acadêmicos e de organizações de terceiro setor têm procurado trazer um panorama da população trans no Brasil. Conforme a pesquisa *Proporção de pessoas identificadas como transgênero e gênero não binário no Brasil* (Spizzirri et al, 2021), em 2021, estima-se que 2% da população adulta brasileira se identifica como transgênero ou não-binário, que em números absolutos chega a quase 3 milhões de indivíduos. Não há produção de pesquisas e dados por ausência ou precariedade de ações governamentais o que marginaliza essa população (Jorge, 2021).

Por esse déficit, a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra) tem coletado e fornecido dados sobre a população transsexual. O documento mais recente, intitulado *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transsexuais brasileiras em 2024*, traz dados de 2017 a 2024. O mapeamento da Antra identificou um total de 1179 assassinatos de travestis, pessoas trans e não binárias brasileiras no período. Para se ter uma ideia, foram 122 assassinatos em 2024, e 179 em 2017 (o ano com o maior número de assassinatos de pessoas trans na série histórica). Isso representa uma média de 147 assassinatos por ano e 12 casos por mês (Benavides, 2025).

A idade é um fator relevante e marcante ao analisar a violência cometida contra essa comunidade. De 2017 a 2024, a maior população afetada é de 18 a 29 anos, e em 2024, 66% das vítimas tinham menos de 35 anos. Conforme o dossiê, a expectativa de vida média de uma pessoa transsexual é de 35 anos. A falta de dados reflete a inexistência de políticas públicas para a preservação da vida da população trans.

INTERSECCIONALIDADES: O CINETRANS E A COMUNIDADE

Enquanto extensão, além do conceito de dialogicidade (Freire, 2019), o Ncep age com um caráter de mediação entre os debates levantados em cada roda de conversa realizada no CineTrans. Dessa forma, a observação de pautas interseccionais se apresenta

como propósito do projeto. De acordo com Oliveira (2018, p. 19), “Um debate interseccional permite colocar em evidência reflexões que emergem de setores variados de nossa sociedade, como o movimento social de negras e negros, o movimento LGBT e o movimento feminista, dentre outros”, sendo as questões geracionais uma clivagem interseccional relevante, diante dos dados expostos.

A visibilidade da comunidade trans em meios de comunicação é outro ponto que importa à interseccionalidade e ao CineTrans. Devido à falta de pessoas trans em meios de comunicação, o que se observa, na maioria, são materiais jornalísticos que reverberam preconceitos e estigmas, ao focalizar violências e tragédias que envolvem pessoas transexuais e travestis. Essa perpetuação de estigmas reforça as dificuldades enfrentadas por pessoas da comunidade trans em se identificar como tais. Para Vasconcelos (2021), é necessário inserir pessoas trans nos grandes veículos jornalísticos, para que possam contar suas próprias histórias a partir de uma visão mais humanizada e sensível, com materiais que retratem personalidades trans em diferentes espaços e contextos, para além da violência e da marginalização.

Assim, o CineTrans relaciona-se com democratização dos meio de comunicação pela exibição gratuita de filmes com a temática/protagonismo transsexual. Após a sessão é criado um ambiente de roda de conversa sobre as principais questões abordadas no filme, para promover e incentivar o protagonismo trans em diversos aspectos. Como os assuntos tratados são de extrema sensibilidade, a dinâmica de roda busca oferecer acolhimento, com dois mediadores que levantam questões sobre o filme, relacionando-o com a realidade. A figura central do debate é ocupada sempre por uma pessoa trans, convidada a ser debatedora. Nessa dinâmica, muitas opiniões são levantadas, trazendo diversas perspectivas e realidades da vivência trans. Por ser um ambiente aberto ao público, o cineclube recebe diversas pessoas, principalmente estudantes de ensino superior e ativistas LGBTQIAPN+, de diferentes gêneros e idades. Nos registros de dados do formulário de inscrição de cada sessão, pode-se notar que há um público diverso em questão da idade, sendo em sua maioria de 20 anos ou menos, além de 20 a 30 anos, mas com participação de todas as faixas etárias nas sessões (de 20 a 60+). Todos expressam e solidificam o debate, com suas divergências.

CONTRIBUIÇÕES GERACIONAIS: PERCEPÇÕES DO PÚBLICO

A fim de compreender as possíveis contribuições da diversidade geracional percebida durante as sessões do CineTrans, os participantes foram convidados a responder a questões a partir de questionário estruturado (Duarte, 2006), enviado em abril de 2025. Além de dados sobre faixa etária e identidade de gênero, as questões versaram sobre: a) percepções sobre diversidade geracional na comunidade trans (pensamento e compreensão da vida trans entre as gerações); b) demandas que mais preocupam as diferentes faixas etárias da comunidade trans (linguagem, opiniões, identidade, movimento social, visibilidade nos meios de comunicação); c) contribuições da diversidade de faixas etárias nas trocas de experiências relatadas durante as sessões do CineTrans. A coleta de dados registrou respostas de pessoas cis e trans participantes das sessões. Destacamos apenas três contribuições de pessoas, aqui chamadas de P1, P2 e P3, para manter a confidencialidade.

Um homem trans na faixa de 50 a 60 anos destaca: “Gerações mais velhas têm preocupação com envelhecimento e solidão, com a ideia de estarem sós e serem institucionalizados em espaços transfóbicos” (P1). Segue: “Gerações mais jovens estão a utilizar experiências pessoais para questionar e ressignificar a transgeneridade a partir de perspectivas com mais variáveis [...]”. Uma mulher cis (P2), na faixa de 20 a 30 anos, lembra das questões de saúde, já que pessoas trans mais velhas costumam levantar pautas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), uma preocupação menos recorrente com os jovens. Uma pessoa não binária de menos de 20 anos (P3), também destaca a importância de debates intergeracionais para o fortalecimento da luta.

Grande parte das pessoas consultadas faz referência a uma participante ativa nas discussões do CineTrans, Luana Costa, mulher trans, ativista dos direitos da pessoa idosa⁷, falecida em janeiro de 2025. Luana participou desde as primeiras edições e destacou-se na última sessão do ano 2024, com a exibição de *Janaína Dutra: uma dama de ferro*. Ela relatou sobre o movimento social e a luta por direitos LGBTQIA+ com toda a paixão e sabedoria que lhe acompanhava. Sua partida foi sentida nas sessões do CineTrans de 2025, mas suas contribuições são um legado jamais esquecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁷ Luana atuava junto ao Grupo Dignidade, foi Conselheira Nacional Suplente do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDPI), pela Aliança Nacional LGBTI+, e acadêmica de Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O CineTrans, em seus dois anos de atuação, tem experimentado possibilidades de conexão com a comunidade para trocas e aprendizados. Um desafio, já vencido, foi articular parcerias fixas com grupos ligados ao tema, bem como um local para exibição dos filmes. Outras questões, ainda a serem alcançadas, envolvem a fidelização do público do cineclube e a expansão, sem perder a qualidade dos debates.

A partir da consulta aos cineclubistas, fica nítido que as questões geracionais têm trazido contribuições para a pauta. As gerações trans mais jovens têm uma relação mais direta com o acesso a lugares, direitos e linguagens. As gerações mais velhas ainda enfrentam dificuldades para frequentar a universidade e apresentam preocupações com sua dignidade, acesso à saúde e ao cuidado respeitoso na velhice. O CineTrans se apresenta, portanto, como espaço de mediação social, discussão interseccional e luta política por diversidade.

REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, B G. **Dossiê assassinato e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. ANTRA, Brasil, 2025.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2006.
- FREIBERGER, C. et al. *Cineclube Trans: criando diálogo sobre a temática trans a partir do cinema*. In: **XII Enpecom**, Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2023, p. 1-15.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Conheça o Brasil - População: quantidade de homens e mulheres**. IBGE, 2022.
- JORGE, M. Estudo pioneiro na América Latina mapeia adultos transgêneros e não-binários no Brasil. **Jornal da Unesp**, 12 nov. 2021.
- SPIZZIRRI, G; et al. Proporção de pessoas identificadas como transgênero e gênero não binário no Brasil. **Relatórios Científicos**, v. 11, n. 2240, 26 jan. 2021.
- OLIVEIRA, M. R. G. *O que não tem nome não existe! Feminismo negro e o percurso histórico do conceito de Interseccionalidade*. In: OLIVEIRA, L. G; CUNHA, J. M; KIRCHHOFF, R. (Orgs). **Educação e interseccionalidades**. 1ª. ed. Curitiba: Ed. NEAB UFPR, 2018.
- VASCONCELOS, C. *Un periodista trans en el país que más personas trans mata en el mundo*. In: ALVES, Rosental et al. **Diversidad en el Periodismo Latinoamericano**. Reflexiones de 16 periodistas de siete países sobre cómo hacer más inclusivas las salas de redacción y sus coberturas. Austin: Universidad de Texas, 2021.